

## Alfabetização: novos olhares sobre “velhas práticas”

(Teaching of reading and writing : new looks on “old practices”)

Dulcinéia da Silva Adorni<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) – Itapetinga – BA  
dsadorni@gmail.com

**Abstract.** *This article presents a reflection on traditional and constructive pedagogical practices concerning to the teaching of reading and writing, searching to clarify that more important than the practice itself is the way it is proposed and developed. And moreover, the theoretical conceptions which give base to it, and the clearness that the teacher has of them.*

**Keywords.** *Teaching of reading and writing, pedagogical practices, theoretical, constructive and traditional conceptions.*

**Resumo.** Este artigo apresenta uma reflexão sobre as práticas pedagógicas tradicionais e construtivistas no que diz respeito à alfabetização, buscando esclarecer que mais importante que a prática em si mesma é a forma como ela é proposta e desenvolvida. E mais ainda, as concepções teóricas que a embasam e a clareza que o professor tem das mesmas.

**Palavras-chave.** *Alfabetização; práticas pedagógicas; concepções teóricas construtivistas e tradicionais.*

Atualmente, existe um discurso político educacional que propõe o construtivismo como prática pedagógica, tanto para a Educação Infantil quanto para o Ensino Fundamental. No entanto, observamos que, na verdade, dois tipos de prática pedagógica ainda convivem na maioria de nossas escolas, principalmente quando o que está em foco é a alfabetização. Como diz Carraher (2000): somos muito modernos em termos de filosofia educacional, porém a nossa fala nem sempre condiz com a nossa forma de atuação em sala de aula.

Observamos práticas “novas” e “antigas”, “construtivistas” e “tradicionais” convivendo em sala de aula, muitas vezes sem que o próprio professor se dê conta disso. Ou então, mesmo nos casos em que ele se dê conta, não incorpora essa questão em seu discurso, pois existe uma pressão muito grande para que o “tradicional” seja posto de lado, como algo que não só não contribui para o desenvolvimento do aluno como até mesmo o prejudica.

Neste sentido, algumas atividades ditas tradicionais são deixadas de lado ou desenvolvidas de forma “sigilosa” porque ninguém – ou quase ninguém – quer ser “taxado” de “professor tradicional”, numa época em que já não se fala apenas de construtivismo mas também de pós-construtivismo.

A questão sobre a qual este trabalho quer refletir é justamente essa: podemos classificar uma atividade em si como tradicional ou construtivista? Quais os critérios que utilizamos para fazer esta classificação? A cópia é uma atividade tradicional? Por ser “tradicional” deve ser deixada de lado? O que seria uma “atividade construtivista”? Qual é o significado, para nós, do termo “linguagem escrita”? Qual o papel da linguagem oral no que diz respeito às práticas pedagógicas?

Acreditamos que a questão ou sua análise esteja “fora de foco”. Não é a atividade em si que pode ser classificada como “tradicional” ou “construtivista”, bem como não é essa classificação que vai fazer dela uma atividade significativa ou não para o aluno. A questão primordial é a **forma como essa atividade é proposta e desenvolvida**.

Teberosky (2001) afirma que a escola tem incluído dois significados dentro de um só termo **linguagem escrita** – a manifestação gráfica da palavra e a linguagem que se escreve – ignorando que por trás das letras (aspecto gráfico) há a linguagem escrita. Este fato tem trazido conseqüências não muito favoráveis para o processo ensino-aprendizagem deste conhecimento que é a língua escrita, pois deixa subentendido uma dicotomia (senão uma grande distância) entre a linguagem oral e linguagem escrita.

No entanto, a própria autora refere que é possível recuperar uma pedagogia de transmissão oral para ensinar a escrever, assim como aproveitar os efeitos da escrita sobre a linguagem. Da mesma forma, é possível trabalhar a escrita a partir de modelos dentro de uma concepção construtivista de educação.

Vejamos a análise de algumas atividades ditas tradicionais ou construtivistas:

### **A cópia: “velha” prática?**

No nosso entender, a cópia – escrita a partir de modelos – pode ser considerada tanto uma prática da escola tradicional, quando é proposta de forma descontextualizada e desenvolvida de forma mecânica, como mero treino gráfico, como também pode ser entendida dentro de uma abordagem construtivista quando o professor deixa de utilizar os modelos para obter uma cópia passiva e passa a utilizá-la para fomentar um conflito e, portanto, provocar conflitos e resoluções.

### **A produção de textos: prática construtivista?**

Muitas vezes a produção de textos é considerada uma prática necessariamente individual e solitária. Esta idéia está presente quando consideramos esta prática em oposição a uma atividade coletiva própria da fala – de uma conversa na qual interlocutores constroem o discurso. Neste sentido, o que há de “construtivista” na atividade em si ou na forma como ela é proposta e se desenvolve?

A produção coletiva de texto, como refere Teberosky (2001) é uma prática pedagógica não só possível, mas enriquecedora, pois permite a realização de atividades diversas que supõem capacidades e atividades linguísticas diferentes. É significativa também do ponto de vista da interação entre pares, favorecendo o desenvolvimento potencial da criança, como propõe Vygotsky (1989).

### **Professor: transmissor de conhecimento, orientador ou mediador?**

Consideramos que o professor tem um papel fundamental no processo de construção da linguagem escrita pela criança, pois os alunos a apre(e)ndem por um contato social, de colaboração, orientação e mediação. Aprendem tanto pela própria atividade quanto pelo exemplo do professor e pela prática compartilhada com ele e entre pares nessas atividades.

Pelo exposto, concluímos que muito mais importante que “classificar” uma atividade como “tradicional” ou “construtivista” é a clareza que temos quanto aos objetivos que pretendemos atingir através destas atividades e a forma como vamos propor o seu desenvolvimento.

A atividade docente é uma atividade que requer a todo momento escolhas e tomada de decisão. Quando essas escolhas e essas decisões são tomadas embasadas numa concepção teórica que nos é clara e significativa porque fruto de uma escolha pessoal e consciente e não de uma imposição política e institucional, a atuação em sala de aula torna-se muito mais coerente e produtiva do ponto de vista da aprendizagem. Faz-se necessário, neste sentido, retomarmos a discussão sobre a questão das concepções teóricas que fundamentam nossa prática pedagógica, pois muito mais complicado que adotar esta ou aquela concepção é não ter a clareza de qual a concepção realmente adotada e que se traduz em nossa atuação docente, principalmente no que diz respeito à alfabetização.

Em síntese, é impossível classificar uma atividade em si como uma coisa ou outra, pois a atividade não traz embutida em si mesma as concepções que a fundamentam – isso é a nossa postura enquanto professores frente a uma prática pedagógica que vai revelar. É o nosso posicionamento frente à educação como um todo e a todos os fatores nela implicados que vai dizer o que somos e o que fazemos enquanto educadores.

### **Referências**

CARRAHER, David William. Educação Tradicional e Educação Moderna. IN: CARRAHER, Terezinha N. (Org.). *Aprender Pensando: contribuições da Psicologia Cognitiva para a Educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1989.

LERNER Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TEBEROSKY, Ana. *Psicopedagogia da língua escrita*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.